

PRÉMIOS ALMOFARIZ 2018

Projeto - ADIFA

Distinguir um marco histórico

Não é todos os dias que se vê nascer uma associação empresarial. Mais raro ainda é isso acontecer num setor industrial tradicional como é o setor farmacêutico. Por isso, 2017 ficará na história como o ano da criação da ADIFA, Associação de Distribuidores Farmacêuticos. Já o ano de 2018 entrou para a história da ADIFA, com a atribuição do Prémio AlmoFariz Projeto. Diogo Gouveia, presidente da associação, revela a sua felicidade pelo reconhecimento de todos e adianta que, depois de dados os primeiros passos, chegou a hora de efetivar projetos.

Pode-nos explicar o que esteve na génese da ADIFA?

Diogo Gouveia - A ADIFA foi constituída em fevereiro de 2017 pelas empresas de distribuição *full liner* que sentiram a necessidade de criar uma associação para representar os seus interesses comuns. As empresas *full liner* caracterizam-se por trabalhar todo o espectro de produtos farmacêuticos, medicamentos, dispositivos médicos, químicos, etc., e trabalham com todos os laboratórios, de A a Z.

Estas empresas faziam parte de outra associação, a GROQUIFAR, que tinha várias divisões entre as quais a farmacêutica mas nessa mesma divisão existiam outras empresas com dimensões e interesses estratégicos diferentes. Com a criação da ADIFA, os associados quiseram criar uma estrutura que pudesse defender o seu interesse estratégico, que fosse mais interveniente e que tivesse maior capacidade de atuação com dois tipos de objetivos, externos e internos. Nos objetivos externos, quis-se melhorar a representatividade e a visibilidade do setor da Distribuição e ser capaz de o valorizar. Nos objetivos internos, olhar para a eficiência da cadeia de Distribuição e, estando no meio dessa cadeia, melhorar todos os processos e a colaboração tanto a montante como a jusante com os parceiros, Indústria Farmacêutica e Farmácia.

Como tem evoluído, nestes primeiros tempos, a relação da

ADIFA com os vários parceiros do mercado farmacêutico?

DG - A ADIFA foi muito bem acolhida de forma transversal por todos os parceiros. Hoje fala-se da ADIFA no setor do medicamento e a associação é reconhecida, as pessoas sabem o que representa. Os associados da ADIFA são empresas com décadas de presença no mercado, amplamente reconhecidas e que representam praticamente 88% do setor da Distribuição. As várias entidades que compõem este mercado perceberam o porquê da formação da ADIFA e o seu interesse estratégico.

Estamos atualmente num processo de construção com vários projetos em curso e várias parcerias e colaborações a decorrer. Até ao final deste ano, início do próximo ano, teremos certamente a concretização de alguns desses projetos.

E em termos internacionais, qual é o âmbito da vossa intervenção?

DG - A ADIFA é associada do GIRP, associação europeia de distribuidores com quem temos desenvolvido uma atividade muito próxima, quer levando *inputs* sobre a realidade nacional e a adaptação das políticas europeias à realidade do mercado português, quer na recolha de informação essencial sobre o mercado europeu, sobre novos projetos que estão a ser desenvolvidos ou sobre legislação europeia e a sua transposição para o mercado nacional. Há neste último campo um desafio próximo



que será a implementação da diretiva dos falsificados em fevereiro de 2019, um processo para o qual temos recorrido bastante à informação e ao apoio da nossa associação europeia.

Que balanço faz deste primeiro ano e meio à frente da direção da ADIFA?

DG - O balanço é muito positivo. Falamos de uma associação com seis associados que, todos os dias, são competidores e isto num mercado que não cresce há vários anos. É um sinal de inteligência que estas empresas tenham tido capacidade de se abstrair do que é a concorrência comercial do dia a dia para criar esta estrutura e para desenvolver a proximidade e confiança necessárias para construir sobre temas transversais que criam valores para todos.

O que sentiu quando soube que a ADIFA tinha ganho o Prémio AlmoFariz para o Projeto?

DG - Senti, em primeiro lugar, felicidade. Porque se trata de um projeto de conjunto, uma nova associação criada de raiz onde tudo teve de ser feito do início, desde o nome ao logo, aos estatutos, passando pela apresentação aos parceiros, foi algo que pessoalmente me deu muito gozo. Em segundo lugar, senti o reconhecimento pois, apesar de não existirem ainda *outputs* visíveis do trabalho da ADIFA, a associação foi reconhecida como uma estrutura com capacidade para se organizar, para aparecer e o mercado da Distribuição já ganhou visibilidade. Depois há também um sentimento de responsabilidade para o futuro. Mais do que um projeto do ano, a ADIFA é uma realidade que se quer cada vez mais interventiva.

Este *feedback* positivo foi sentido não apenas por mim mas por todos os associados da ADIFA bem como o sentimento de justiça que nos foi transmitido por vários parceiros e entidades com quem a ADIFA se relaciona. As pessoas entendem que a FARMÁCIA DISTRIBUIÇÃO fez uma boa escolha e que foi uma escolha justa face ao que se passou durante 2017.

Na sua opinião, o que é que a ADIFA trouxe ao mercado de forma a receber esta distinção?

DG - O que a ADIFA trouxe foi a responsabilidade na sua constituição e a maior visibilidade que permite dar ao setor da Distribuição. Temos tido capacidade para mostrar o valor que a Distribuição acrescenta à cadeia do medicamento. No caso de não existir esta lógica de Distribuição *full liner*, teriam que se feitas mais 120 operações de Distribuição do que as que fazemos hoje em dia. Depois há outras áreas que tocam a Saúde Pública ou o aparecimento de novos canais de Distribuição de medicamentos. Por exemplo, no caso da passagem de medicamentos do canal hospitalar para o canal ambulatório estamos a participar em diversos projetos e isso também é reconhecido.

Que impacto terá este prémio no futuro da ADIFA?

DG - A FARMÁCIA DISTRIBUIÇÃO é uma publicação com grande notoriedade e aquela que tem mais leitores dentro do setor do medicamento pelo que a atribuição deste prémio vai-nos dar visibilidade e ajudar a que mais pessoas conheçam a ADIFA, principalmente pessoas que não têm uma ligação direta ao canal da Distribuição e que desta forma vão ficar a conhecer a associação e a interessar-se por saber mais sobre o trabalho que estamos a desenvolver. Isso é extremamente positivo.

O que é que podemos esperar da ADIFA no futuro? Quais os principais desafios que se colocam?

DG - Podemos segmentar os desafios em duas áreas. Uma área mais virada para o exterior, onde um dos principais projetos tem a ver com a transferência de alguns medicamentos até aqui dispensados nas farmácias hospitalares para as farmácias comunitárias. Nos últimos anos tem acontecido que grande parte dos medicamentos inovadores estão a ser dispensados pelas farmácias hospitalares e não têm existido muitas entradas de inovadores no canal ambulatório. Acreditamos que é importante que se faça essa

transferência por três razões: um fator económico, pois caso não haja introdução de inovadores no ambulatório, este mercado não deverá crescer até porque grande parte dos medicamentos estão a perder a patente e vão dar ori-



gens a genéricos tendencialmente mais baratos. O segundo fator é uma questão profissional. Os farmacêuticos que trabalham na Distribuição e nas farmácias têm a mesma qualidade que os farmacêuticos que trabalham no hospital e, em termos de valorização profissional, é importante que a inovação possa passar para o canal ambulatório e assim valorizar a intervenção profissional desses farmacêuticos. O terceiro fator tem a ver com questões sociais. Não faz sentido que um doente crónico possa obter a sua medicação para a hipertensão ou diabetes na sua farmácia de proximidade mas para outras doenças cada vez mais vistas como crónicas, como a hepatite, as doenças oncológicas ou o HIV, esses doentes não possam obter a medicação na sua farmácia.

«Senti o reconhecimento pois, apesar de não existirem ainda *outputs* visíveis do trabalho da ADIFA, a associação foi reconhecida como uma estrutura com capacidade para se organizar, para aparecer e o mercado da Distribuição já ganhou visibilidade»



PRÉMIOS ALMOFARIZ 2018

Entendemos que, atualmente, existe vontade política para avaliar esta questão e há mesmo um projeto piloto para a dispensa de medicamentos para o HIV nas farmácias comunitárias, o qual foi recentemente alvo de um relançamento.

Qual a posição da ADIFA quanto a essa possibilidade?

DG - Temos vindo a demonstrar ao regulador e ao próprio Ministério da Saúde a disponibilidade da ADIFA para colaborar como parceiro logístico do Serviço Nacional de Saúde. As empresas que constituem a ADIFA têm 27 plataformas distribuídas por todo o território nacional, têm meios humanos e tecnológicos altamente capacitados e todos os dias estas empresas e os seus recursos dão duas voltas ao mundo com a Distribuição que é feita, passando à porta de hospitais e de centros de saúde, sejam

eles públicos ou privados. Por isso estamos numa posição relevante para ser um parceiro ativo do SNS e dos hospitais privados no sentido de prestar serviços logísticos nos quais somos especialistas.

Além disso, estamos disponíveis para apoiar os diversos programas de intervenção em Saúde Pública, como é o caso do Programa de Troca de Seringas.

Também a nível externo vamos ter um grande desafio com a implementação da diretiva dos falsificados em fevereiro de 2019. Vai requerer adaptação e algum investimento mas é um projeto importante para melhorar a segurança de utilização do medicamento.

E do ponto de vista interno quais são as prioridades da ADIFA?

DG - Do ponto de vista interno e olhando para a eficiência do setor destaco três pontos. Um tem a ver com as comunicações, estamos a rever todas as plataformas e protocolos de comunicação quer na relação com a Farmácia, quer com a IF no sentido de uma maior integração. Não faz sentido existirem trocas de documentos em papel quando se podem trocar documentos digitais com mais e melhor informação. Estamos a criar uma autoestrada de comunicação com os nossos parceiros, soluções abertas que possam ser partilhadas e onde se utiliza uma linguagem comum. Na relação com a IF, por exemplo, o nosso protocolo atual data de 2004 e não preenche todas as necessidades atuais, além de não estar devidamente integrado com todos os laboratórios.

O segundo projeto no plano interno está ligado à centralização da logística inversa. Ou seja, encontrar formas de otimizar a recolha de medicamentos com prazo de validade expirado, também em colaboração com os nossos parceiros farmácias e IF. E um terceiro ponto é a relação com o regulador, olhando para as Boas Práticas de Distribuição, melhorando alguns processos e digitalizando processos que ainda são manuais. Por exemplo o controlo de substâncias psicotrópicas e estupefacientes ainda é feito de forma manual e

documental quando temos sistemas de informação que podem tratar estes dados de forma muito mais eficiente.

Num plano mais macro, quais serão as grandes mudanças no setor nos próximos anos?

DG - Este é um setor altamente tecnológico. Os armazéns principais das empresas associadas da ADIFA têm um índice de robotização superior a 80% e esta inovação tecnológica não para. A eficiência está sempre a crescer, seja nos robots, nas soluções de *picking* manual, no controlo de frotas ou no controlo de temperaturas e todas as restantes valências da Distribuição. A grande eficiência que nos falta ganhar centra-se na troca de dados, quer com as farmácias quer com os laboratórios. Mais do que falar de *big data*, dados desestruturados, o desafio está na colaboração e na troca de *small data*, dados estruturados que existem em cada um dos *stakeholders* mas que não são partilhados.

Finalmente, considero que será muito importante desenvolver uma relação mais estreita com os decisores e com o regulador, permitindo que tenham um conhecimento aprofundado do impacto que esta área tem na Saúde. Nesse campo contamos ter novidades em breve.

Queremos também trabalhar de forma mais próxima com as associações representativas dos nossos parceiros, tendo sempre um espírito construtivo na relação quer com a APIFARMA e a APOGEN, quer com a ANF e a AFP.

Como última mensagem, gostaria de deixar uma palavra de reconhecimento e agradecimento aos associados da ADIFA, às pessoas que assumiram a responsabilidade de construir esta associação. Quero também deixar um agradecimento à estrutura executiva da ADIFA que, apesar de ser pequena foi gigante nestes primeiros meses, nomeadamente o Nuno Cardoso e o Manuel Talhinhas. Em terceiro, quero deixar um reconhecimento a todos os *stakeholders* da área da Saúde pela forma como fomos acolhidos e valorizados. 🍀

«Estamos numa posição relevante para ser um parceiro ativo do SNS e dos hospitais privados no sentido de prestar serviços logísticos nos quais somos especialistas»

